

BORGES, ANSELMO (2016).

Deus. Religiões. (In)Felicidade.

Lisboa: Gradiva, 249 p.

Deus. Religiões. (In)Felicidade é o mais recente livro (2016) da vasta obra bibliográfica do Filósofo, Teólogo, Padre e Professor Universitário Anselmo Borges e constitui mais um contributo do autor para a missão, assumida há “alguns” anos, de incentivar, através das suas aulas, dos seus trabalhos académicos, teológicos, filosóficos, dos debates, das conferências etc., promovida quer a nível nacional, quer a nível internacional, a urgência de um diálogo permanente, aberto e profícuo entre a fé, a ciência e a cultura. Assim, mais do que uma obra de um filósofo ou de um teólogo, este trabalho dá-nos “uma visão excepcionalmente lúcida sobre os graves problemas do nosso mundo” (p. 11).

O discurso utilizado, ainda que por vezes eivado de um “certo hermetismo”, é, essencialmente, de natureza pedagógica e destina-se ao ser humano em geral, ao cidadão comum que convive diariamente, ainda que porventura de uma forma inconsciente, com a necessidade urgente de respostas às complexas perguntas: “Quem somos? Onde vimos? Para onde vamos? O que é que esperamos? O que é que nos espera?” (Ernst Bloch). Por conseguinte, é da procura insaciável destas respostas que depende a felicidade do ser humano e o futuro da Humanidade.

O livro divide-se em 3 partes - “O enigma: a Morte e Deus; O Diálogo Inter-religioso; O que traz Felicidade?”

Ao longo da primeira parte do livro, “O enigma: a Morte e Deus”, desenvolve-se o conceito de morte, entendida “estrategicamente” como fator de sobrevivência das sociedades desenvolvidas, tecnocientíficas e, pela primeira vez, como um tabu, “o último tabu”, “a garantia de poder e de progresso ilimitado, sem finalidade nem sentido humanos” (p. 22). De acordo com o autor, a morte é um tabu, pois “uma sociedade que se julga onnipotente nos meios não tem

resposta nem solução, que a única solução é ignorá-la, como se não existisse” (p. 33). Ora só o pensamento sadio da morte conduz à consciência do limite e do milagre de existir, isto é, ao perder-se o sentido da morte, perde-se o sentido da vida e vice-versa e perde-se a espiritualidade.

Ainda nesta primeira parte, Anselmo Borges desenvolve uma ideia muito interessante sobre o posicionamento do homem “que vive normalmente em Sábado” (pp. 100-106), entre a morte (o horror de sexta feira) e a ressurreição (a esperança do Domingo de Páscoa) e que na Sociedade atual está sujeito “a viver permanentemente em sexta feira”, isto é, a um novo tipo de escravatura imposto por “uma sociedade centrada na produção e consumo, no ter, no êxito, no cálculo, no espectáculo, no poder” (p. 33). Paralelamente analisa o conceito de mortalidade que conduz à reflexão sobre as diversas perspectivas e relações existentes entre os conceitos de Infinito, de Deus, de Tempo, de Fé, de Igreja, de Religião e de Ciência.

Na segunda parte do livro, “O Diálogo Inter-religioso”, o autor faz depender a paz no mundo da paz entre as religiões e esta última do diálogo pluralista, tolerante, universal e multicultural que se encetar. Esse diálogo implica a existência de critérios éticos globais (p. 117) e do consenso e aplicação de diversos pressupostos. O primeiro pressuposto é o esclarecimento entre religioso e sagrado. Assim, Anselmo Borges faz uma distinção muito clara entre Religião, “referência e relação com uma realidade última salvífica” (p. 117), Religiosidade, “tem a ver com o movimento de transcendimento”, Religioso, “aquele ou aquela que se entrega confiadamente ao Sagrado ou Mistério, donde espera salvação” (p. 119), e Religiões, entendidas como “construções humanas” que “são mediações entre os homens e mulheres religiosos e o Sagrado ou Mistério. Assim, as diferentes religiões configuram de modo diferente esse Sagrado ou Mistério” (p. 119). O segundo pressuposto é o entendimento do conceito de Revelação e de Livros Sagrados. O terceiro pressuposto é a necessidade de uma leitura histórico-crítica dos Livros Sagrados, a qual, de acordo com o autor, “nunca pode ser literal, pois implica sempre uma interpretação” (p. 122). O quarto pressuposto é a separação das Igrejas e do Estado, pressuposto que o autor considera neutral do ponto de vista religioso.

Por último, na terceira parte do livro, “O que traz Felicidade?”, Anselmo Borges desenvolve o conceito de Felicidade, entendido como o objetivo último

da plenitude do ser humano e o ponto de ligação do homem com Deus, com a morte e com “a eternidade de Deus ou a eternidade do nada”. A este respeito o autor questiona-se sobre se o dinheiro faz a felicidade e afirma que “Não se confirma a fórmula mágica do capitalismo liberal: crescimento do PIB = aumento da felicidade” (p. 165), concluindo que ocorreu uma mudança na escala de valores da Sociedade da Informação, em que os meios tornaram-se fins e conduziram à existência de “gente riquíssima que é infeliz e quem viva feliz na sobriedade” (p. 169). Assim reclama a “urgência de mudar globalmente de paradigma” (p. 171) e, apesar de não haver receitas ou fórmulas químicas para a felicidade, considera de importância crucial repensar o contributo da religião para a (in)felicidade do ser humano, assim como a hierarquia de valores dos chamados “nativos digitais” e a tensão permanente entre o ter e o ser, o essencial e o supérfluo, o bom e o mau, etc.

Em jeito de conclusão, consideramos que esta obra reveste-se de um carácter de modernidade, entendida no seu significado de humanismo, democracia, defesa dos direitos humanos, do desenvolvimento científico, e de atualidade, visível através das ameaças de terror vindas de todo o mundo e que afetam indistintamente católicos, protestantes, muçulmanos, budistas, hindus, agnósticos, ateus, etc.

Tal como pretende o autor na apresentação, consideramos que este livro “embora composto por fragmentos” - crónicas semanais de Anselmo Borges no *Diário de Notícias* -, não é um livro disperso e há uma unidade temática muito bem articulada e muito bem conseguida.

Para além das inúmeras citações ao longo do texto, cuja importância justificava a existência de uma Bibliografia final, o autor não se inibe de dar a sua opinião crítica sobre muitos dos temas fraturantes da atual Sociedade da Informação e/ou do Conhecimento, nomeadamente a busca de um sentido último para a vida. No âmbito deste contexto, o autor “destrói uma cultura de verdades absolutas, intransigências, obstinações, crenças e inaugura uma cultura de dialogo intercultural, inter-religioso, etc.”, distanciando-se de “todo o ar que possa cheirar a seita ou a sacristia” (p. 12).

À pergunta que os leitores gostavam de ver respondida: Se Deus e as Religiões contribuem para a felicidade ou para a infelicidade do Ser Humano?,

apesar de não haver uma resposta por parte do autor, há imensas pistas ao longo do texto que nos permitem a ousadia de alvitrar a dupla possibilidade, fazendo-a depender da conceção do Deus (bom ou mau, vingativo ou tolerante, etc.) da Religião (dogmática ou criativa) e da Felicidade (adaptada aos valores individuais e coletivos da Sociedade dos “Tempos Modernos”).

Não hesito em afirmar que este livro, tal como toda a vastíssima obra de Anselmo Borges, desperta muita curiosidade e reflexão e é um trabalho rigoroso de análise sobre alguns dos maiores flagelos da humanidade que, e (in)felizmente, são muito falados no nosso dia a dia, mas pouco debatidos com esta precisão, clareza, lucidez, rigor e neutralidade.

MARIA BEATRIZ MOSCOSO MARQUES

beatrizmarquesfluc@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra